

hoje, acredita que possuímos uma alma imortal que está vinculada a um corpo mortal... resta-nos, portanto, neste momento, buscar o seu reflexo e entender, ou encontrar, a nossa própria sombra para que, consigamos seguir o conselho de Plotino: “Procurai sempre conjugar o divino que há em vós com o divino que há no universo”.

Referências bibliográficas:

- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- FEIRE, António. *O Pensamento de Platão*. Braga: Livraria Cruz, 1967, in: Brotéria, vol. XXXIV, 1944.
- GUIMARÃES, Carlos Antonio Fragoso. Plotino. In.: <http://www.geocities.com/Vienna/2809/plotino.html>, 20/06/2008.
- IGLÉSIAS, Maura. Platão: a descoberta da alma, In.: <http://venus.ifch.unicamp.br/cpa/boletim/boletim05/02iglesias.pdf>, 20/06/2008.
- PLATÃO. *Fedro*. 5ª ed. Trad. bras. De J. Paleikat. São Paulo: Editora Globo, s.d.
- _____. *Timeu e Crítias, ou A Atlântida*. Trad. N. Paula Lima. São Paulo: Hemus, 1981.
- _____. *Fédon*. Coleção Filosofia-Textos nº 4, Porto Editora, 1995.
- _____. *A República*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

A ORAÇÃO SUBORDINADA DE INFINITIVO NA OBRA *GERMANIA* DE TÁCITO

Prof. Me. Marco Antonio Abrantes de Barros (UERJ)

RESUMO

O presente artigo é constituído de um estudo da oração subordinada de infinitivo dentro da obra do Historiador romano Tácito, especificamente na obra *Germania*. **Palavras-chave:** 1-oração subordinada. 2 - oração subordinada de infinitivo. 3- verbo introdutor de oração subordinada. 4- Tácito. 5- Alemanha.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo apresentar resumidamente a estrutura sintática latina da oração subordinada de infinitivo na obra menor de Tácito *Germânia* (obra que relata os costumes das tribos germânicas no século I d.C.). Primeiramente apresentar-se-á um resumo da estrutura sintática e em seguida apresentar-se-á uma pequena análise das orações encontradas no texto.

A oração subordinada de Infinitivo

Nas línguas indo-européias as palavras se agrupam em duas categorias fundamentais: verbo e nome, ambas flexionáveis; sintaticamente o que as distingue é a regência: enquanto o verbo rege acusativo, o nome rege genitivo, embora, dentro da categoria do nome, haja termos que expressam ação e regem acusativo. A interação entre as categorias pode ser identificada, por exemplo, no nome verbal infinitivo. Na língua latina, as formas mais antigas de nome verbal são o infinitivo presente ativo e o passivo (amare, amari). Segundo Bassols (1992) “As formas mais antigas de infinitivo (amare, amari) não são outra coisa que substantivos verbais fossilizados” (pg. 221). O autor também ressalta que a forma amare é um locativo, enquanto que amari, um dativo. Segundo Ernout (1994) são formas de noção verbal pura e simples sem outra nuance qualquer: (o fato de) amar ou ser amado. A própria evolução e inserção do infinitivo na categoria verbal, na língua latina, fá-lo adquirir tempo e voz: além do presente amare, amari o perfeito amavisse, amatum esse, e o futuro amaturum esse, amatum iri (voz ativa e passiva respectivamente), posteriormente acrescenta-se uma forma específica para o irreal amaturum fuisse. Estas estruturas são essencialmente empregadas em orações infinitivas.

A oração com infinitivo constitui-se de um sujeito em acusativo e o verbo no infinitivo, estando subordinada a um verbo principal.

Bassols lembra que esta estrutura tem origem nos verbos causativos como doceo, jubeo, que têm dupla regência em acusativo, uma acusativo da pessoa e outro da coisa: doceo pueros grammaticam ou doceo pueros cantare. O que se passou foi um deslocamento sintático da função do acusativo (caso oblíquo, portanto destinado a ser complemento do verbo) como objeto do verbo principal

para a função sintática de sujeito do infinitivo.

São diversos os verbos que introduzem a oração subordinada de acusativo com infinitivo. Agrupam-se em verba dicendi, voluntatis e sentiendi. Segundo Ernout (1994) os verba voluntatis forma os primeiros a admitirem a construção de acusativo com infinitivo, porque permitiam o emprego do infinitivo sozinho como complemento. Paul Perrochat (1935) observa que os verba dicendi são de sentido fraco, enquanto que os verba voluntatis possuem um sentido forte, visto que se trata de uma “expressão de um esforço de um sujeito sobre um objeto”, sendo assim, há a tendência de emprego do infinitivo, neste caso, como complemento objetivo do verbo principal, a não ser que o sujeito da subordinada seja diferente do do verbo introdutor. As orações subordinadas desempenham a função de objeto ou de sujeito.

Fazendo parte do discurso indireto, estas estruturas frasais manifestam um estilo conciso, e como afirma Bassols:

O amplo desenvolvimento que o discurso indireto obteve em latim, responde ao afã que sentiam os latinos pela exatidão e precisão, pois, assim conseguiam resumir brevemente e em forma objetiva as opiniões de outros, os acordos e disposições oficiais; provavelmente o impulso inicial deve buscar-se na língua oficial interessada em resumir em forma breve e concisa os acordos, as sentenças e disposições administrativas. Passou logo para a língua literária, especialmente à historiografia, pois graças a este procedimento estilístico, conseguiam os historiadores dar à narração um tom objetivo e manter a unidade do estilo apesar de incorporar em suas obras pensamentos e discursos alheios. (BASSOLS, 1992: 485 e 496)

Agora analisaremos alguns exemplos da obra de Tácito:

Primeiramente a manifestação do narrador em primeira pessoa: II 1- *Ipsos Germanos indigenas crediderim minimeque aliarum gentium adventibus et hospitiis mixtos.*

Após a introdução à geografia da Germânia, o autor inicia a segunda parte de seu texto com a frase acima citada, abrindo o tema da autoctonia do povo desta região descrita anteriormente. Por meio do verbo introdutor crediderim (verbum dicendi), o narrador se manifesta em primeira pessoa; o próprio verbo remete ao leitor uma posição subjetiva do narrador. Trata-se de uma opinião pessoal. Observa-se que o substantivo correlato a credo é fides, termo de valor religioso e jurídico; sendo assim, o narrador se coloca, perante o leitor como testemunha fidedigna de sua argumentação, na esfera da confiabilidade religiosa e jurídica. Também devemos observar que o emprego do tempo verbal, aqui o pretérito perfeito do subjuntivo, reforça a subjetividade do verbo, pois trata-se de uma forma derivada do subjuntivo de possibilidade: uma afirmação atenuada. Esta

forma verbal é empregada para manifestar uma simples possibilidade. Este mesmo verbo encontra-se elíptico neste livro quando o autor explica sobre a origem do nome da nação: II.5- *ita nationis nomen, non gentis, evaluasse paulatim (crediderim); é este o primeiro verbo que estabelece o narrador frente ao que o próprio afirma, posicionando-se quanto ao assunto. Também encontramos o emprego de credo ao final de sua obra quando descreve a geografia e os povos das regiões longínquas da Germânia: XLV.7- *Fecundiora igitur nemora lucosque sicut Orientis secretis, /.../ , ita Occidentis insulis terrisque inesse crediderim.* Servindo de marcação dentro da obra, este verbo inicia e conclui a argumentação do autor sobre a Germânia, seus povos, costumes e geografia; o que ocorre aqui é a retomada do primeiro verbo introdutor conduzindo à conclusão da obra. O emprego do modo subjuntivo também funciona como um neutralizador da posição do narrador perante o que ele afirma ao leitor. Trata-se de uma estratégia de convencimento do leitor sobre a verossimilitude dos fatos narrados; tratando-se de um texto de descrição, o que vem sendo subordinado é o elemento que deve ser entendido como verossímil.*

Em V.3- *nec tamen adfirmaverim nullam Germaniae venam argentum aurumve gignere*, encontramos o mesmo valor modal aplicado em credo para adfirmo, verbo composto de prefixo ad mais firmo, denotando idéia, reforçada pelo prefixo, de firmeza frente ao que é colocado na subordinada, tendo sentido físico e moral, de opinião certa, diferencia-se de credo, neste caso a o narrador através deste verbo põe-se convicto de sua assertiva perante o leitor.

No livro VIII, quando o autor aponta para a posição da mulher na sociedade germânica, qual seria o papel da mulher na guerra e na paz, Tácito utiliza-se de uma proposição com o verbo vídeo: VIII.3- *Vidimus sub divo Vespasiano Veledam DIU apud plerosque numinis loco habitam.* O verbo introdutor vídeo corrobora a fala do narrador como testemunha concreta, ele se coloca como testemunha do real, não afirma nem crê. Observa-se também a co-participação do leitor quando o narrador emprega o verbo na primeira pessoa do plural (nós).

Também há outras formas de o narrador se manifestar sob forma indireta no texto de Tácito como em VIII.1- *memoriae proditur quasdam acies inclinatas iam et labantis a feminis restitutas constantia precum et obiectu perctorum et monstrata comminus captivitate.*

O autor aqui narra o papel que as mulheres germânicas tiveram em alguma guerra. O verbo introdutor da oração subordinada de infinitivo é proditur, formado do prefixo pro- mais do, numa tradução etmológica significa dar adiante, isto é, transmitir. O verbo encontra-se na voz passiva e possui como complemento memoriae. O narrador, nesta frase, se coloca como um simples relator da memória das tribos germânicas, é um resgate de uma memória que se toma como verdadeira também para os romanos.

Em XVI.1- *Nullas Germanorum populis urbes habitari satis notum est,*

Tácito introduz a assertiva subordinada com o verbo *noscere* na voz passiva do pretérito perfeito do indicativo (verbo de aspecto acabado), para reafirmar o que é de conhecimento comum. Trata-se de um ponto de encontro entre o conhecimento do narrador e do leitor; o advérbio *satis* reforça esta posição em comum.

O emprego de *credo*, que vimos anteriormente também é empregado na forma impessoal em XXVIII.1- *eoque credibile est etiam Gallos in Germaniam transgressos*. A locução verbal *credibile est* impessoaliza a afirmação da subordinada; baseia-se no que ele disse anteriormente : *Validiores olim Gallorum res fuisse summum auctorum divus Julius tradit*. A relação entre premissa e conclusão são baseadas no testemunho do *summus auctorum* (Júlio César). A premissa é de César a suma autoridade, e a conclusão é de Tácito, baseado em César, coloca a sua afirmação no nível da *fides*.

Em II.4- *Quidam/.../pluris deo ortos plurisque gentis appellationes, Marsos, Gambrivios, Suebos, Vandilios, adfirmat*. O verbo regente da subordinada *adfirmat* de *adfirmo* expressa uma convicção de traço mais enfático por parte do narrador, já em III.3- *Ceterum et Ulixen quidam opinantur longo illo et fabuloso errore in hunc Oceanum delatum adiisse Germaniae terras, Asciburgiumque/.../ ab illo constitutum nominatumque; aram quin etiam Ulixi consecratam/.../ eodem loco olim repertam, monumentaque et tumulos quosdam graecis litteris inscriptos in confinio Germaniae Retiaeque adhuc extare*. O verbo introdutor de opinor, possui um matiz de convicção menos enfático que de *adfirmo*. Neste trecho em particular há uma estratégia do narrador em trazer a esfera do mito (a viagem de Ulisses pela Germânia) para o testemunho real da história. Os tempos verbais da subordinada estão no passado *adiisse, constitutum (esse), nominatum (esse)*, até que se fecha o período com um infinitivo presente *extare*, este “movimento” no texto do passado para o presente estabelece uma coerência cronológica entre o tempo do mito e o tempo real; além do que a escolha do infinitivo *extare*, traz mais força à assertiva do narrador do que se ele empregasse *esse*.

Dois verbos que se destacam como introdutores de oração subordinada de infinitivo, *arbitror* e *puto*, funcionam como elementos estratégicos do intelecto do narrador; todos os dois verbos manifestam uma opinião do narrador, mas *arbitror* é um verbo cuja ação é fruto de um testemunho, trata-se de uma simples manifestação de um juízo feito, enquanto que *puto*, que tem o sentido original de purificar, limpar, é um ato mais introspectivo, do intelecto, é a busca de uma purificação e elucidação da opinião:

Com *arbitror* temos alguns exemplos em:

VI.6- *Cedere loco/.../consilii quam formidinis arbitrantur*.

IX.3- *Ceterum nec cohibere parietibus deos neque in ullam humani oris speciem adsimulare ex magnitudine caelestiorum arbitrantur*.

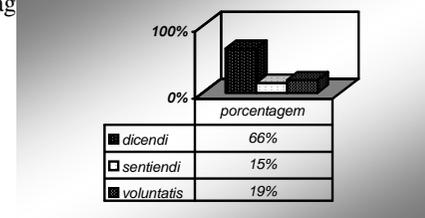
XX.5- *Quidam sanctiorem artioremque hunc nexum sanguinis arbitrantur*.

Com *puto* temos :

VIII.2- *Inesse quin etiam sanctum aliquid et providum putant*.

Conclusão

Observa-se ao total 121 orações subordinadas de infinitivo no corpus da Germânia de Tácito, regidas por 75 verbos introdutores; agrupados em 50 *verba dicendi*, 11 *verba sentiendi* e 14 *verba voluntatis*. Teremos então este gráfico em porcentagem



Percebe-se que há o predomínio dos *verba dicendi*, na obra, o que revela um discurso de terceiros, também uma forma de o narrador se tornar imparcial.

As orações subordinadas de infinitivo servem para sintetizar a narrativa e os verbos que as regem desempenham um papel de importância fundamental, visto que são eles que estabelecem a posição do narrador frente à afirmação da oração subordinada.

Bibliografia

- BASSOLS, Mariano de Climent. *Sintaxis latina*. 10ª. Ed. Madri, Consejo Superior de Investigaciones Científicas: 1992, xviii + 557 p.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. *A literatura latina*. Porto Alegre, Mercado Aberto: 1989, 196 p.
- COUSIN, *Évolution et structure de la langue latine*. Paris, Les Belles Lettres: 1944, 233 p.
- ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. 4ª ed. Paris, Édition Klincksieck: 1994, 833p.
- LAUSBERG, Henrich. *Elementos de retórica literária*. (Trad. R.M. rosado Fernandes). 4ª. Ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian: 1993, 290 p.
- PERROCHAT, Paul. *Recherches sur la valeur et l'emploi de l'infinitif subordonné em latin*. Paris, Les Belles Lettres: 1932, xxiii + 250 p.
- TACITE. La Germanie. *Texte établi et traduit par Jaques Perret*. Paris, Les Belles Lettres: 1997, 112 p.
- MARRUZEAU, J. *Traité de stylistique appliqué au latin*. Paris, Les Belles Lettres: 1935, xix + 329 p.

TEATRO LATINO E IDADE MÉDIA

Prof. Dr. Airto Ceolin Montagner (UERJ/ UNIGRANRIO)

RESUMO

O teatro latino apresenta, em relação ao teatro grego, diferenças que se refletem não só na forma como também na nomenclatura. discutem-se, neste artigo, a presença do teatro latino e o seu prosseguimento ou não durante a Idade Média. **Palavras-chave:** teatro latino - teatro medieval - drama litúrgico.

A história da palavra *teatro* começa no grego, *théatron*. Passou para o latim como *Thatrum*. concretamente, ambas designavam o 'espaço' ou o 'lugar' ou 'edifício de onde se observa', donde resulta também 'o lugar de reunião'. Com o passar do tempo, o vocábulo se enriqueceu semanticamente, chegando a ponto de indicar o próprio gênero literário.

Aristóteles, na *Poética*, (1448a23-24, 28-29) utiliza a palavra *drama* para designar a composição poética que reproduz o grau máximo da *mimesis*, 'imitação', ou melhor, 'representação de uma ação'. concretamente, o *drama* se manifesta através da tragédia e da comédia.

Em latim, são muitas as designações para esse gênero, pois suas manifestações eram diversas, designadas segundo seus diferentes subgêneros. Encontramos as designações de *versus fescinini* de *satutra* ou *fabula atellana*, oriundas de solo itálico; já tragoedia, comoedia ou *mimus* remetem à origem gregae que os latinos chamavam de *fabula*, ou seja, algo que só existe na fala, na ficção e não na realidade concreta da existência. A partir daí, esse fenômeno vem expresso através de três grupos de palavras.

O primeiro deles deriva do verbo *spectare*, forma iterativa de *specio* (ver, perceber) e significa 'ter os olhos fixos em, observar' (além de 'ver', há o sema adicional de 'atenção') e *spectaculum*, 'aquilo que se observa com atenção'.

O segundo grupo está ligado à raiz LUD-, donde *ludus* e *ludio*, o adjetivo *ludicrus* e o verbo *ludo*. A significação básica dessa raiz indica o 'emprego de gestos'. *Ludus*, por sua vez, opõe-se a *iocus*, que referencia os jogos de palavras'.

O plural *ludi*, presente em *Ludi romani*, *Ludi Plebei*, *Ludi Apollinares*, designava as práticas rituais de caráter público ou privado e também os jogos incluídos como partes dessas celebrações sociais, como os *ludi circenses*, os *ludi scaenici*.

O último grupo dessas palavras se liga ao substantivo *scaena*, do grego *skéné*. Trata-se de um termo técnico relacionado ao espetáculo teatral. Entre os romanos, *scaena* era um muro vertical diante dos espectadores ante o qual se faziam as encenações. No teatro romano, era tão importante que passou a designar